



Director literario:

 Augusto de Santa-Rita
 PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

 Eduardo Malta
 PAPUSSE


Novela infantil

Por AUGUSTO DE SANTA-RITA

Desenhos de EDUARDO MALTA

(Continuação do número anterior)

Prendendo pelas rédeas o cavalo ao tronco duma árvore, Rapina escalou o muro que circundava o solar. Depois, firmando as mãos e os pés nas salientes arestas da cantaria que forrava a fachada da habitação solarenga, conseguiu marinhar e atingir a janela que, lépido, galgou.

Através o cortinado de renda, que cautelosa-mente afastara ao penetrar no quarto, o luar iluminava o aposento, em cuja parede, fronteira à janela, se ajustava a cabeceira da cama em que dormiam Fernando e Isabel. Seus rostos, iluminados pela diáfana luz, em cuja expressão pairava uma vaga tristeza, dir-se-iam ungidos por uma aureola divina.

Tomado por uma estranha comoção, Rapina ficou-se a olhá-los um momento. — «Seus pais?! Seriam, realmente, aqueles os seus pais?!...» Batia-lhe o coração no peito, alvoroçadamente, e com tal força que chegou a recluir acordá-los ao seu «taque-taque» impetuoso, mais forte ainda que o do relóginho de mármore côr de rosa que o seu



(Continua na pag. 4)

MARIA DA LUZ

Por JAIME BROOK

Desenhos de Ed. MALTA



ÃO conhecem a Maria da Luz?... a Mimi?... Ah!... não!?... Então eu apresento-lhes...

Mimi é uma menina pequenina de onze anos, muito inteligente e bonita. O papá é empregado superior no banco Cunha, o que lhe dá para viver com certo conforto e relativo luxo. A ma-

mã — coitadinha da mamã! — já há três anos que morreu.

Mimi guarda no seu coraçãozinho tão vivo amor por ela, que todas as semanas, às segundas-feiras, vai encher-lhe a cama humilde com aquelas rosas de que ela em vida tanto gostava.

A Mimi anda na escola. É uma das alunas mais aplicadas. Como sempre sucede a-pesar-de gostar de tôdas as suas companheiras, tem umas para quem essa amizade é mais forte e mais constante.

São, por exemplo, a Gracinda, a Lili, a Georgette, etc...

São também as mais ricas e as mais bem vestidas.

Conquanto a Mimi fosse muito bôa e delicada para tôdas, não gostava lá muito de brincar com algumas delas, as que traziam os vestidinhos remendados e à hora do lanche, em lugar de comerem bons bolos e «sandwichs» como elas, trincavam o seu bocadito de broa quantas vezes duro que nem pedra!!

Mimi tinha ao princípio oferecido a uma delas um bolo, mas, como esta, envergonhada, não tivesse aceitado e fugisse sem mais nem menos, Mi-

mi julgou-a orgulhosa e malcriada e, desde aí, um bocadinho ofendida, não procurou muito a companhia delas.

Nêsse ano a professora resolvera oferecer a cada uma das alunas um brinquedo que comprara com um dinheiro pedido, com esse fim, a várias famílias abastadas.

Eram muitos os briaquedos! Bonecos, carrinhos, automoveis, livros com lindos contos e sugestivas estampas, etc., etc. Mas, entre todos, havia 3 que despertavam a atenção geral.

Eram êles: uma formosa boneca toda em celuloide com uma linda cabeleira ruiva e uns encantadores olhos azuis; um automóvel com portas de abrir e fechar pintadas a lindas côres; e, por fim, um fogãozinho tal e qual um verdadeiro, mas em ponto pequeno — com um serviço completo de utensílios de cozinha.

Todos os olhos estavam fitos nêles e todas faziam cálculos a vêr a quem calharia...

A professora, com um sorriso feliz nos lábios, ia fazendo a distribuição...

... — Tu, Joaquina... anda cá... Toma lá esta bonequinha; agora tu... sim tu... mas vê lá



se a estragas logo... este carrinho de bois... este livro; hás-de depois contar esses continhos às tuas irmãs...



Agora tu, Engrácia... queres isto?... e oferecia à feia e bisonha Eugénia, ante o pasmo e decepção de todas, aquela boneca ruiva de olhinhos azuis...

A professora ia distribuindo...

A surpresa e decepção eram já geral quando viram nas mãos da Ermelinda, junto ao seu vestido sujo e remendado, o soberbo e apeteçido automovel... Maria da Luz ficou muito triste!

A professora ia chamando...

Tu Lili... e deu-lhe uma bonequita; tu Georgette e deu-lhe um arco; tu, Maria da Luz, anda aqui... Nervosa ela começou...

Com certeza a professora ia dar-lhe o fogãozinho, com toda a certeza...

E este pensamento foi geral, pois todas estavam convencidas de que ninguém mais que Mimi o merecia...

Mas grande engano... A professora estendia para ela, com um sorriso bondoso, uma insignificante bonequinha de louça...

Então Mimi não foi senhora de si. Sentiu um nó na garganta, os olhos a arderem, as faces afoquearem-se e uma tristeza, muito grande, tomá-la toda.

Ainda fez um esforço para esconder as lágrimas mas um soluço irreprimível atraçou-a...

A professora puxara-a para si e, encostando-lhe a cabecita que tremia ao seu peito, aflagava-lhe meigamente os cabelos e dizia-lhe:

Minha tontinha, não chores!... vá não chores! Querias o fogão... não era? Mas, então, não tens pena das tuas companheiras mais pobrezinhas, para quem um brinquedo, como esse, representa uma alegria e prazer sem nome, elas que não podem ter, como tu, esses brinquedos lindos e engraçados que o teu papá te dá!?... Não tens pena?!...

Ora faze de conta que és pobrezinha.

És uma delas. Vês as tuas companheiras bem vestidas, comendo coisas boas, possuindo bonitas penas, lápis, etc., e tu sem nada disso, muito pobrezinha. E assim, provavelmente, por toda a vida. Ora eu não devo auxiliar-te, fazendo a tua vida mais bela e melhor, visto que, por seres pobre, não encontras no mundo aquilo que sonhas e que desejas? E tu não ficarias contente e bem disposta?

Ora as tuas companheiras são pobres; este brinquedo seria para elas uma felicidade maravilhosa; tu que és rica, que pedindo ao teu papá terás um brinquedo igual, é justo que fiques com ele, ficando as tuas companheiras tristes?

Não é, pois não? Ora vamos; — vês?!... já não estás a chorar...

Ora dize-me; — queres para ti o brinquedo ou queres que o dê a uma das tuas companheiras mais pobres?

— Não, não quero para mim... Já estou arrependida de ter chorado! Sou muito má!

Não, não és má! És novinha ainda e não sabes compreender certas coisas. Mas, daqui por diante, vais ser ainda mais amiga das tuas companheiras, não é assim?

Lá por andarem mal vestidas não queres dizer nada. Se elas forem tuas amigas, tu deves ainda ser mais delas! O amor é que é tudo! O fato, os vestidos, não tem importância...

Nosso Senhor, se ambas forem boas meninas, tanto gosta de ti como dela. Prometes-me fazer isto?

— Prometo, prometo, exclamou, com os olhos brilhantes de alegria, Maria da Luz, sinceramente arrependida daquele pequeno sentimento de inveja e orgulho que há momentos tivera.

E, tóda contente, compreendendo vagamente que afinal eram tódas iguais, porque igualmente Deus a tódos amava; que os vestidos, dinheiro, as «sandwichs» e a broa, eram apenas acessórios que só tinham a importância que nós quizermos dar; que só a amizade, a dedicação, a troca de sentimentos, aquilo que está muito acima das preocupações momentâneas e fugazes da vida, o Amor, enfim, é que é Verdadeiro e Imortal, a única lei a seguir na Vida; e assim pensando foi entregar, no alvoroço feliz, aquele brinquedo tam querido à companheira mais pobrezinha que agora se sorria também incomparavelmente feliz!!

FIM

Palavras cruzadas

Solução do número anterior

1	F	O	T	O	G	R	A	F	I	A	R	I	A
2	O	P	A	L	A	B	I	S	M	E			
3	R	I	M	A	R	A	T		M	I	R	A	R
4	T	O	A	C	A	T	O		O	I	T	O	
5	A		R	E	A	L	E	Z	A	L		M	
6	L	U	A		E	R	O	S	A	O		R	E
7	E		P	I	A		A	I				T	
8	Z	E	L	O		A	R	A	M	E		A	R
9	A	L	I	N	H	O		I	T	C		O	
10		M	E	D	A		P	O	I	S	O	R	
11	R	O	G	O		M	O	C				T	E
12	O		E		D	O						A	
13	C	A			M	O	R	T	E		M	E	C
14	A	R	P	A		E	A	S	E		R	A	S

Paulo

A. Daniel da
1929

OS BANDOLEIROS

(Continuado da pag. 1)

olhar descobria agora sôbre a mesinha de cabeceira, à direita da cama. À esquerda uma porta aberta, apenas velada por um cortinado igual ao da janela, dava acesso a um outro aposento que, subitamente, tentou a curiosidade de Rapina. Guiado por um estranho pressentimento, sempre pé ante pé, Rapina transpôs a porta e uma abafada exclamação de surpresa partiu dos lábios entreabertos do jóven ex-bandoleiro. É que um pequeno berço doirado, sôb um docel de renda, e uma pequenina roca prateada sôbre a arrendada cambraia do lençol que tinha à márgem bordadas quatro letras: — «Titó», nõvamente avivaram a doce memória da sua infância, como confirmação das suas reminiscências. Já não duvidava. Era bem certo tudo o que «Mata e Esfola» lhe contara havia um quarto de hora.

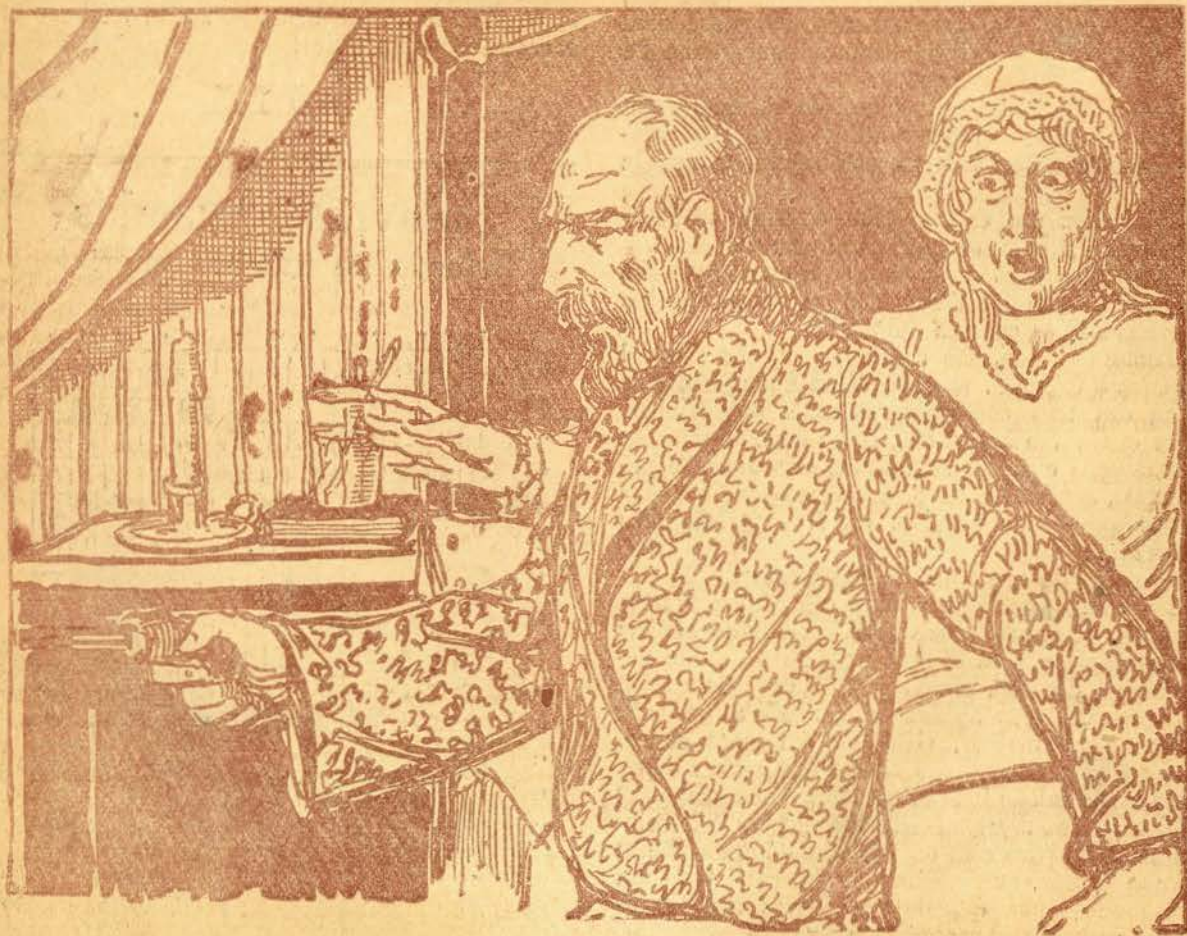
Receando ser pressentido, voltou de novo ao quarto onde dormiam seus pais. Sentiu tentações de acordá-los, de lhes cair nos braços, de os beijar loucamente, de lhes gritar que era ele, o saltador Rapina, o querido Titó de outrora, em cujo fôfo regaço adormecera, embalado, ao doce canto materno. Contêve-se, porém. Tal notícia de choque, assim brutalmente dada, poderia matar de co-

moção a adorada mãezinha. Não! Seria melhor deixá-los a dormir, poupar-lhes, por enquanto, a grande revelação, prepará-los, prévia e lentamente, para a grande Alegria.

Dispôsto a fugir, pé ante pé, caminhou para a porta. Como, porém, subitamente, uma ligeira nuvem no céu encobrisse a lua, deixando, por segundos, o quarto imerso em densa treva, Rapina, acotovelando uma coluna e fazendo tombar um *cache-pot* florido que ela sustentava, fez despertar, ao seu ruído, Fernando e Isabel, os quâis, abrindo os olhos, ensonados, nada viram, devido à escuridão do aposento. Dois segundos após, de novo a lua surgiu, de novo uma doce claridade iluminou todo o quarto.

Já a mão de Rapina alcançava o peitoril da janela quando, instantâneamente, Fernando empunhando um «*revolver*» que tirara da mesa de cabeceira, alvejava o corpo de Rapina que, súbito, à detonação de um tiro, numa pôça de sangue, tombou entre a janela e a cama.

Fernando, ao vê-lo tombar, exclamou, com ar vingativo, correndo para êle: — «*Morre, bandido! Foste, talvez, tu quem me roubou o meu filho!...*»





Isabel, dentro da cama, puxando o lençol à boca, espreitava, com expressão de terror, a atitude de ambos. Nisto, porém, uma rápida transformação se operou nos gestos e na fisionomia dos dois homens que tudo faria supôr serem adversários terríveis, fígadais inimigos.

A expressão de Rapina, a-pesar-de ferido era, contudo, sorridente, doce, carinhosa. Fernando amparava-o, agora, de tal modo solícito, com tão extremoso cuidado, que Isabel estava surpreendida, sem compreender que poderia ter motivado tão rápida transição, pois não ouvira a sumida confidência, a exclamação abafada que Rapina soltara, quási ao ouvido de Fernando, tratando-o por querido pai.

Só agora começava a compreender, numa ansiedade imensa, ouvindo Fernando que, nervosa e perturbadamente, exclamava: — «Perdão, filho, perdão! Salva-o, salva-o, meu Deus!»

Como louca, súbitamente, Isabel ergueu-se da cama: — «Que disseste, Fernando?! Titó, o nosso filho?!...» bradou alvoroçada. Entretanto, beijando-o, loucamente, na ferida ocasionada pelo tiro, Isabel escutava, extasiada, boquiaberta, atônita, o que Rapina num supremo esforço contava, as suas reminiscências, como casualmente soube-

ra que era seu filho e a vida que levava entre os salteadores, desde a noite fatal em que o haviam roubado.

Tudo isto relatava Rapina, cujo verdadeiro nome de baptismo era António, embora todos o tratassem por «Titó», em sua feliz meninice, enquanto Fernando e Isabel lhe prestavam os primeiros socorros, desinfectando a ferida por onde a bala entrara, na clavícula esquerda, já entre ligaduras, deitado sôbre a cama, aguardando a chegada dum grande operador, o Dr. Rui Silveiras, colega e amigo de Fernando Reis, que morava a légua e meia, na povoação visinha e que viria proceder à extracção da bala.

*

«Mata e Esfola» desesperado pela atitude de Rapina, vendo falhar-lhe o belo negócio que, rapidamente, planeara, humilhado pela superioridade física do seu ex-camarada, em quem pegara ao colo tantas vezes no pinhal da Azambuja, jurou a si próprio tirar tremenda desforra, uma terrível vingança. Em Milita, que já observara ser para êle o seu maior tesoiro, faria incidir a operação do ódio.

(Continua no proximo número)

CARTA HIEROGLIFICA

a uma menina estrangeira

por MORENITA



-p + m

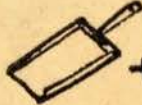
a



-f + m

e

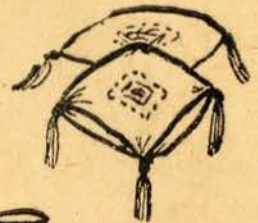
1



+ ii



-r + d



-almo



-c + ds



+ rge.



há



-li + ii



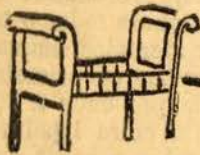
ul

100

-c + m



-la



-ca + ii

K ti



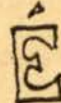
-fo + va



o



-r + d



-am + p

is



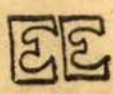
-l



-oro









bc + tk

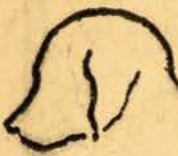

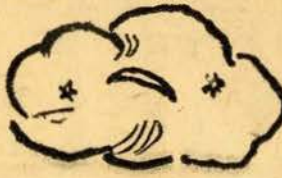






-lda + tigo








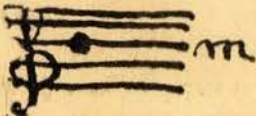
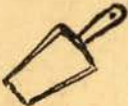


 -s + n - o + em aki at  - ~




 -da + i.    - rpe

 -ã  o  -c + t 



II  - f + t - e + m e g  10 

 en  -bc + t t  -p   m

 m   -s + t - mh  -o + a

 -teor  10  -p + t.

Mui  -pa   -o + a

 -seor a  gar,

ADIVINHAS

1.ª Qual é a cidade europeia que é um fruto, se lhe acrescentar um til na ultima letra?

2.ª Qual é a cidade europeia que tem o nome de uma mulher?

3.ª Qual é a cidade americana que é um fruto?

4.ª Qual é a terra portuguesa que é um verbo?

5.ª Qual é a terra portuguesa que serve para temperar a comida?

6.ª Qual é a terra portuguesa que dá criação?

7.ª Qual é a terra portuguesa que é verdadeira?

8.ª Qual é a terra portuguesa que serve de divisão a todas as nações?

9.ª Qual é o rio português que é uma flôr?

10.ª Qual é o rio português que é um minério no plural?

PARA OS MENINOS E MENINAS RECITARE



O MENINO BRINCANDO

VERSOS DE AUGUSTO GIL
DESENHO DE EDUARDO MALTA

O H meu Jesus adorado
Fecha os teus olhos divinos
Num soninho descansado;
Que a não sermos tu e eu
Toda a gente do povoado,
Desde os velhos aos meninos,
Ha muito que adormeceu.

Tornava Nossa Senhora,
Numa voz mais consumida:
Dorme, dorme, dorme agora
E que eu descance tambem,
Porque, mesmo adormecida,
Vela sempre, a toda a hora,
No meu peito, o amor de mãe.

Rogava Nossa Senhora:
Modera a tua alegria...
Não deites a roupa fóra
Do teu leito pequenino...
Não rias mais. Dorme agora
E brincarás todo o dia...
Dorme, dorme, meu menino,
E o Menino Jesus não se dormia...

E o menino Jesus não se dormia...

Dorme, dorme, dorme agora
(Cantava a Virgem Maria)
Que mal assomou a aurora,
Sentei-me junto ao tear,
E por todo o dia fóra,
Até que já se não via,
Não deixei de trabalhar!

E o menino Jesus não se dormia...

Numa voz mais fatigada,
Tornava a Virgem Maria:
Dorme pombinha nevada,
Dorme, dorme, dorme bem...
Vê que está quasi apagada
A frouxa luz da bugia,
Do pouco azeite que tem.

Mais triste, mais abatida,
Pedia a Virgem Maria:
Tem pena da minha vida,
Que se a quero é para ti...
Vida afflita e dolorida!
Só por ti a viveria
Tão longe de onde nasci!...

E o Menino Jesus não se dormia...

E o menino Jesus não se dormia...

E o menino Jesus não se dormia...

E a voz da Virgem voltou:
Repara no meu olhar,
Vê como êle entristeceu...
Dorme, dorme, dorme bem,
Oh alvo lírio do ceu!
Olha que estou a chorar,
— Tem pena da tua mãe!

Nosso Senhor, então, adormeceu...

Rectificação — Devido a uma ausência do nosso director e por inadvertência de quem o ficou substituindo, a poesia publicada no nosso número passado e intitulada O MEU SEGREDO, não é de autoria de D. Graciette Branco de Santa-Rita, como por lapso saiu.